

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM FILOSOFIA

MATHEUS FERREIRA DE SOUZA

O CONCEITO DE OBRA EM HANNAH ARENDT

GOIÂNIA – GO
2020

MATHEUS FERREIRA DE SOUZA

O CONCEITO DE OBRA EM HANNAH ARENDT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Dr. José Reinaldo F. Martins Filho

GOIÂNIA – GO

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO
(Aqui colocarão a que a secretaria irá dar)

A Deus dedico a minha vida, meu esforço, trabalho e vocação. Agradeço à minha família, à minha mãe e aos meus irmãos; sem eles não conseguiria chegar até aqui. Também dedico esse trabalho aos meus amigos e, de modo especial, àqueles que me ajudaram e acreditaram em mim e que se fizeram presentes nesse momento da minha vida. Agradeço à Congregação do Santíssimo Redentor por fomentar a minha formação e me ajudar a amar as coisas de Deus e a Santíssima Virgem Maria.

Não deixe que ninguém tire a sua esperança.

Papa Francisco

RESUMO

O presente trabalho visa desenvolver uma contribuição, a partir dos textos da filósofa Hannah Arendt, sobre o conceito de obra. Para isso, toma como foco a obra “A Condição Humana”. Faz-se como uma discussão sobre a segunda atividade humana, a obra, que está ligada ao processo de fabricação do qual resulta o mundo dos homens, como produto de um artifício. Esse horizonte é definido por Arendt como *vita activa* e está entrelaçado a outras duas atividades, quais sejam: o trabalho e a ação. O primeiro conceito, o trabalho, está ligado ao ciclo biológico e à manutenção das funções vitais. O segundo, a ação, ao exercício da política como meta derradeira da *condição humana*. Entre ambos se encontra o limite da obra, que estabelece a dinâmica da duração em que o homem pode se distinguir da natureza e mover-se rumo à consolidação da política. Ocorre que, conforme a autora, há uma confusão entre o modo de proceder do trabalho – o *consumo* – e a fruição dos objetos da produção – o *uso*. Ao longo das épocas, passamos a *consumir* o mundo criado como artifício, como repetição de um comportamento típico à sobrevivência. Esse indicativo é fundamental na constatação da vitória do *animal laborans* sobre o *homo faber*, da intimidade sobre a vida pública, do indivíduo sobre a comunidade, de uma cultura de morte sobre a pluralidade. Em suma, esses temas serão tocados pela presente investigação.

Palavras-chave: Obra; *Vita Activa*; Fabricação; Trabalho; Hannah Arendt.

ABSTRACT

The present work aims to develop a contribution, based on the texts of the philosopher Hannah Arendt, on the concept of work. For this, it focuses on the work "The Human Condition". It takes place as a discussion about the second human activity, the work, which is linked to the manufacturing process that results in the world of men, as the product of a device. This horizon is defined by Arendt as active life and is linked to two other activities, namely: *labor* and action. The first concept, *labor*, is linked to the biological cycle and the maintenance of vital functions. The second, action, the exercise of politics as the goal of the human condition. Between them is the limit of the work, which establishes the dynamics of the duration in which man can distinguish himself from nature and move towards the consolidation of politics. It happens that, according to the author, there is a confusion between the way work proceeds - consumption – and the enjoyment of objects of production – use. Throughout the ages, we started to consume the world created as artifice, as a repetition of a typical behavior for survival. This indicator is fundamental in verifying the victory of animal laborans over homo faber, of intimacy over public life, of the individual over the community, of a culture of death over plurality. In short, these themes will be addressed by the present investigation.

Keywords: Work; *Vita Activa*; Manufacturing; *Labor*; Hannah Arendt.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 VITA ACTIVA E CONDIÇÃO HUMANA	11
1.1 A NOÇÃO DE TRABALHO.....	12
1.2 A NOÇÃO DE OBRA NO PROCESSO DA <i>VITA ACTIVA</i>	15
1.3 A AÇÃO COMO META	19
2 A RELAÇÃO ENTRE OBRA E TRABALHO	23
2.1 A NOÇÃO DE TRABALHO EM KARL MARX.....	24
2.2 A PASSAGEM DO “USO” PARA O “CONSUMO” DO MUNDO	27
2.3 A VITÓRIA DO <i>ANIMAL LABORANS</i>	30
3 O ALCANCE DA OBRA NA COMPOSIÇÃO DA CONDIÇÃO HUMANA	34
3.1 O “TRABALHO DO CORPO E A OBRA DAS MÃOS”	36
3.2 A OBRA COMO GARANTIA DO MUNDO DOS HOMENS	38
3.3 A OBRA COMO CONDIÇÃO PRELIMINAR À POLÍTICA	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

Ao longo da minha formação, chamou-me a atenção o conceito de obra apresentado por Hannah Arendt em seu livro “A Condição Humana”. Tal provocação acabou por motivar o percurso investigativo que resultou no presente trabalho monográfico, como conclusão de um percurso junto à Filosofia. Tentamos, ao longo do estudo, destacar algumas características do conceito obra, de acordo com o pensamento da autora, enfatizando a sua condição e inserção nas atividades fundamentais do homem, as quais compõem o que a filósofa chamou de *vita activa*. O homem não é algo dado de uma vez por todas, mas deve ser compreendido como uma condição, como um processo de construção que implica sempre refazer-se. A obra, nesse conjunto, tem uma importância intermediária, na passagem do ciclo biológico para o exercício pleno da política.

Outro ponto importante, que despertou o interesse dessa pesquisa em desenvolver aspectos relevantes ao tema, é uma assimilação entre o mundo em que vivemos atualmente e a visão filosófica que olha para trás, na perspectiva tanto da questão do *uso* quanto do *consumo*. Isso porque a sociedade está presa na “ideia”, deixando de lado a “ação”, como operado por toda a tradição ocidental desde a filosofia platônica. A lógica de consumo das coisas acaba se voltando para o ideal do descarte dos objetos e, consecutivamente, o descarte do mundo em que vivemos. Assim, também as pessoas passam a ser descartadas. Assim, na sociedade de hoje notamos que o homem se tornou escravo dos *bens de consumo*, vivendo a era do “consumismo” exagerado. O “fabricador” parece ter trocado a “obra de suas próprias mãos” pelo consumo desenfreado.

Assim, no presente trabalho vamos voltar ao conceito de obra na filosofia de Hannah Arendt, que diz a respeito à permanência do mundo, interface de durabilidade necessária à consolidação da condição humana. Hoje nada disso mais parece importante, já que a instrumentalização dos outros e do mundo de maneira geral tornou-se fator determinante. A discussão proposta por Arendt, portanto, apontaria para uma forma de nos “redirmos”, isto é, de recuperarmos o sentido profundo da produção do mundo como característica da *vita activa*, assim como a autora insiste em advertir? Responder a essa questão é uma das tarefas centrais da presente investigação.

Na medida em que tentamos demonstrar que o homem perdeu, ao longo do tempo e da introdução do mercado, a relação com as coisas, com o mundo produzido, como podemos entender a relação entre homem e mundo intermediada pela fabricação, isto é, pelo protagonismo do objeto na classificação dessa modalidade da *vita activa*? Perguntas como essas nos conduziram à concepção e elaboração do presente estudo, o qual, como já demonstrado, por meio da obra, nos permitirá uma compreensão mais profunda do tempo presente e do ser humano como tal.

A princípio podemos dizer que a obra é um processo de criação do homem a partir dos mecanismos de fabricação elaborados por ele próprio. A obra, além disso, também está ligada à durabilidade da vida humana, garantia de que as coisas ao mesmo tempo em que podem ser criadas, também podem ser destruídas pelo próprio homem, que garante o seu lugar na natureza, dominando-a. A permanência das coisas no mundo produzido é resultado da obra, como diz Arendt, não do trabalho. Mais que isso, é a garantia de formação do mundo dos homens, o mundo da duração. Estabelecemos nossa relação com o mundo e com os outros, aprendemos sobre nós e sobre nossa cultura, na intermediação com as coisas produzidas para durar, pois o trabalho tem como característica o processo humano do consumo. Discussões como essa são levadas a termo por cada um dos capítulos da investigação, que retomam pontos ressaltados por Arendt a fim de compreendê-los.

A pesquisa está estruturado em três capítulos. O primeiro parte de uma consideração do horizonte mais amplo a partir do qual Arendt tematiza a condição humana da fabricação, isto é, da produção de um universo composto por obras. O segundo retoma a discussão sobre a relação entre obra e trabalho a partir de algumas articulações propostas por Arendt em seu livro. O terceiro aponta a obra como conceito intermediário na passagem do ciclo biológico para a política e, por isso, a sua função fundamental na leitura de mundo proposta pela autora.

1 VITA ACTIVA E CONDIÇÃO HUMANA

Um menino nasceu – o mundo tornou a começar
João Guimarães Rosa

O conceito de *vita activa* é muito antigo na história do pensamento político, sendo correlato às atividades humanas no mundo. Como Arendt diz em sua obra “A Condição Humana”, é um termo “carregado e sobrecarregado de tradição. É tão velho quanto nossa tradição de pensamento político, mas não mais velho que ela” (ARENDR, 2017, p. 16). Assim, desde o princípio a autora volta à tradição e, também, aos antigos gregos que não menosprezavam a vida humana, referindo-se ao termo *bio politikos*, que, segundo Aristóteles (384-322 a.C.), é repleto de sentido e se refere a uma vida dedicada aos assuntos políticos e públicos. Adiante, outros, como Agostinho (354-430 d.C.), compreenderiam essa mesma expressão como relativa ao “ser cidadão”, como denotado pelo autor na “Cidade de Deus”, por exemplo (cf. AGOSTINHO, 2011).

Arendt afirma, no contexto da filosofia de Aristóteles, que o homem poderia escolher ficar sem dependência alguma das necessidades que compõem a vida. Isso ainda que fosse necessária a manutenção da sua vida. Ocorre que dispor da liberdade em suas ações é o que, de fato, caracteriza o modo de vida do homem. Ao longo do pensamento moderno, contudo, foi se elevando outra maneira de ler a ação que, antes, no pensamento grego, era atribuída também ao pensar, a *contemplação*: assuntos da vida comum e dos conteúdos “eternos”, a sabedoria. A *vita contemplativa* passou a conotar uma superioridade. Desvinculou-se o pensamento da realidade, ignorando as diferentes formas de expressão. Para uma leitura desde a nossa época, portanto, a *vita activa* se opõe à *vita contemplativa*, de tal modo que a vida contemplativa se tornou uma supervalorização do pensamento, da ideia, inferiorizando a dimensão da prática, do trabalho.

Diante disso, ao longo da história houve uma depreciação do trabalho por muitas culturas que o consideravam como sendo a escravidão de pessoas inferiores, pensamento esse que perdurou por muitos séculos. Contudo, alguns autores da era moderna buscaram recuperar o sentido da *vita activa*. Dentre eles, Locke (1632-1704) e Marx (1818-1883), especialmente citados por Arendt, que enfatizam não

propriamente a natureza humana, mas sustentam que o ser humano é uma condição; isto é, empreende-se uma interpretação que não está concentrada em sua essência, e esse é o caminho pelo qual se pretende ler a *vita activa*.

No início da obra “A Condição Humana”, Arendt recorre à expressão *vita activa* para distinguir as atividades humanas fundamentais: trabalho, obra e ação. O trabalho “assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie” (ARENDR, 2017, p. 11). Corresponde, por isso, às necessidades do homem, tendo em vista uma satisfação de sua condição elementar e do seu processo vital, assegurando a manutenção da sua vida. A obra, como produto do homem, como seu artefato, confere “uma medida de permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano” (ARENDR, 2017, p. 11). Além disso, a obra produz um mundo artificial de coisas, modificando a interação do homem com a natureza, que doravante se dá por meio das coisas que ele fábrica. A ação, enfim, “na medida em que se empenha em fundar e preservar o corpo político, cria a condição para a lembrança [*remembrance*], ou seja a história” (ARENDR, 2017, p. 11). Essa última categoria não correspondente a nenhuma mediação a qualquer objeto natural ou até mesmo fabricado. Antes, corresponde à pluralidade e à condição política.

Portanto, a *condição humana* está entrelaçada à vida que foi dada ao homem a partir do mundo no qual ele vive, cabendo unicamente a ele decidir e agir. Nesse sentido, não se trata de um reforço ao antigo conceito de *natureza humana* forjado ao longo da história da filosofia (e Agostinho, por exemplo, tem suma importância nisso) (cf. AGOSTINHO, 2011), mas da superação desse em função da instauração de uma nova ótica, a perspectiva da *condição humana*, vislumbrada, por sua vez, pela *vita activa*.

1.1 A NOÇÃO DE TRABALHO

O trabalho é a primeira atividade da *vita activa* e corresponde ao processo biológico do corpo. Encontra-se como necessidade vital do ser humano, pois, sem dúvida, o trabalho faz parte do seu ciclo de sobrevivência, como produção de sua existência, manutenção das suas necessidades. Sobre isso, vale a pena verificarmos o testemunho de Arendt:

O trabalho [...] corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujo crescimento espontâneo, metabolismo e resultante declínio estão ligados às necessidades vitais produzidas e fornecidas ao processo vital pelo trabalho. A condição humana do trabalho é a própria vida (ARENDRT, 2017, p. 9).

Ao dizer que o trabalho está diretamente relacionado à categoria da *vida*, Arendt demarca a sua posição inicial na construção da *condição humana*. Isto é, da mesma maneira como o homem mantém o ciclo biológico de seu próprio corpo por meio do trabalho, consumindo de sua produção, da produção de seu corpo próprio, também *consume* o mundo que o cerca, resultado da vida e da natureza, como aponta Adriano Correia:

Da interação do homem com a natureza por meio do trabalho não resta qualquer vestígio duradouro. [...] O trabalho apenas preserva a vida no eterno ciclo de esgotamento e regeneração de produção e de consumo. A vida, em seu sentido puramente biológico, é a condição humana do trabalho (CORREIA, 2017, p. 39).

Para entender a condição do trabalho, a filósofa retorna aos primórdios da civilização, especificamente aos antigos gregos, quando viver era possibilidade de poucos. Assim, a vida é uma constante e repetitiva sequência de ações no mundo que mantém os homens vivos. Arendt faz uma distinção entre a obra e o trabalho, como as atividades que vão compor a *vita activa*, sendo ambas de extrema importância no ciclo vital do homem: o trabalho inicia com a vida e termina apenas na morte, quando irá cessar a necessidade de sobrevivência; a obra, funda o mundo dos humanos, em que a sua vida irá transcorrer e, aos poucos, diferenciar-se dos outros viventes.

A partir dessas afirmações, Arendt faz uma diferença entre obra, trabalho e ação de forma que essas atividades passam a ocupar um papel essencial para a compreensão da condição humana. Ela faz distinção entre trabalho e obra. O trabalho define-se mediante a capacidade de um processo que faz parte da produção de *bens de consumo*. Ou seja, o homem necessita consumir, fazendo-se parte do processo cíclico da vida como um todo. A exemplo disso, pensemos em um indivíduo que precisa trabalhar para manter sua vida, dentro de um espaço como a família, mantendo-se no limite da necessidade da subsistência humana. Realçar sobremaneira o aspecto do trabalho como definidor da condição humana, contudo, foi o erro extremado da modernidade que, segundo Arendt apenas inverteu as regras do jogo desde a Antiguidade: “[...] O desapresso pelo trabalho na teoria antiga e sua

glorificação na teoria moderna baseava-se ambos na atitude subjetiva ou na atividade do trabalhador [...]” (ARENDR, 2017, p. 114).

Para melhor definir o trabalho, a filósofa faz uma distinção entre a “vida” e a “vida humana”, vida tendo um sentido diferente quando usada em relação ao *mundo*. A principal característica da “vida” está, porém, também presente na “vida humana”, que constitui dois eventos: aparecimento e desaparecimento. Sobre isso, comenta a autora:

A palavra “vida” [...] tem significado inteiramente diferente quando é relacionada ao mundo e empregada para designar o intervalo de tempo entre o nascimento e a morte. [...] Limitada por começo e fim, isto é, pelos dois supremos eventos do aparecimento e do desaparecimento no mundo, a vida segue uma trajetória estritamente linear, cujo movimento, não obstante, é transmitido pela força motriz da vida biológica que o homem compartilha com outras coisas vivas e que conserva, para sempre, o movimento cíclico da natureza (ARENDR, 2017, p. 121).

A partir disso, Arendt distingue entre *zoé*¹ e *bios*, conceitos que possuem uma relação com a distinção entre obra e trabalho. O trabalho está sempre interligado, como Arendt destaca, ao processo biológico do homem, que é natural como um evento prescrito em sua condição, só cessando com a morte – por isso, relativo à *bios*. Já a obra é a fabricação, ou seja, quando o objeto que constitui o mundo está pronto para acrescentar ao espaço comum das coisas, contribui na fundação do mundo dos humanos, o mundo da liberdade, por isso o mundo para o exercício da vida como *zoé*. Diz a autora:

A principal característica dessa vida especificamente humana, cujo aparecimento e desaparecimento constituem eventos mundanos, é que ela é plena de eventos que no fim podem ser narrados como história [story] e estabelecer uma biografia; era essa vida *bios*, em contraposição à mera *zoé* (ARENDR, 2017, p. 121).

Portanto, o que pode ser relacionado ao trabalho é a vida. Ela faz com que cada ser se mantenha vivo no mundo, delimitada pelo intervalo de tempo entre o nascimento (capacidade de conhecer o novo) e a morte, que é o fim de cada indivíduo. O trabalho está relacionado com a vida como resistência às duas realidades absolutas, nascer e morrer. Isso também é salientado pela autora:

¹ “Aristóteles dizia ser “de certa forma, uma espécie da *práxis*” (ARENDR, 2017, p. 121).

Limitada por um começo e um fim, isto, é, pelos dois supremos eventos do aparecimento e do desaparecimento no mundo, a vida segue uma trajetória estritamente linear, cujo movimento, não obstante, é transmitido pela força motriz da vida biológica que o homem compartilha com outras coisas vivas e que conserva, para sempre, o movimento cíclico da natureza (ARENDR, 2017, p. 119).

Essa capacidade que o indivíduo tem de receber e manter a vida está exposta no trabalho, pois é ele a categoria que assegura a natureza em seu ciclo vital, não tendo, pois, início e nem fim. No tocante à *vita activa*, porém, a autora ainda trata outras duas categorias de fundamental importância, motivo pelo qual seguimos nosso argumento ao conceito que nos ocupará também nos outros capítulos deste estudo, a saber: a obra.

1.2 A NOÇÃO DE OBRA NO PROCESSO DA *VITA ACTIVA*

A obra está ligada ao processo de fabricação das coisas, por meio das quais o mundo dos homens pode surgir. Ela produz um mundo artificial de coisas, sendo capaz de produzir os objetos que o compõem. O homem tem uma grande interação com a natureza e com as coisas que ele próprio produz, às quais imprime a condição de durabilidade. Os objetos do mundo, ao contrário do produto do trabalho, não são realizados para serem consumidos, mas *usados*, como se pode ler no seguinte comentário:

A obra ou fabricação (*work* ou *fabrication*), por sua vez, produz um mundo artificial de coisas, diferentes de qualquer ambiente natural. [...] Da interação do homem com a natureza por meio da fabricação, por seu turno, surgem objetos para serem utilizados e que, por conseguinte, portam uma durabilidade de que não desfruta os produtos do trabalho, feitos para serem consumidos (CORREIA, 2017, p. 40).

Dessa maneira, destacamos que a obra corresponde ao caráter do não natural da existência do homem, ou seja, a obra está ligada ao mundo. É mensurada não pelo ciclo vital, mas pela produção do mundo. Está no mundo e corresponde ao processo de fabricação das coisas, mas o seu fabricante não perdura o tempo de vida da obra. Isso garante que a obra ultrapasse os limites de tempo do seu autor, como “argamassa” a formatar o “mundo dos homens”. Apesar de cada vida efêmera, o mundo continua, perdura, segue na experiência de outros homens. Por isso a característica da obra é a mundanidade. A fim de ilustrar, as coisas que estão no

mundo tendem a se desgastar com o tempo. Mesmo assim mantêm um caráter de coisa inalterado, compondo os processos de “amarração” do mundo, da vida de um homem com a dos outros. Assim, a obra é o que constitui o mundo dos homens.

Obra é a atividade de fabricar coisas. Ela mostra o sentido de que, para criar o ambiente propício à sua vida, o homem precisou criar objetos; não apenas para sua sobrevivência, mas para sua própria interação com a realidade, e, até mesmo, para contribuir na definição de *quem* ele é, mostrando o seu espaço no mundo. Por isso, não apenas a distinção entre as duas primeiras modalidades da *vita activa*, mas a modificação na nomenclatura de seus agentes, o mesmo homem, tomado sob duas perspectivas conceituais. Para isso, Arendt faz distinção entre o que ela chama de *homo faber*, aquele que se dedica a retirar coisas da natureza como material de sua fabricação (o que produz os artefatos humanos que terão durabilidade no mundo), e o *animal laborans*, arraigado ao consumo para manutenção da vida e que, por isso, não cuida do que o *homo faber* fabrica: “O *animal laborans*, por sua atividade e suas aspirações, não sabe como construir um mundo nem cuidar bem do mundo criado pelo *homo faber*” (CORREIA, 2017, p. 43).

Podemos perceber que a obra tem, por isso, um espaço fundamental na delimitação da *vita activa*, como fundação do mundo. Por meio da obra o *homo faber* retira da natureza a matéria prima para construção das coisas que estão no mundo. Essa atividade ocupa espaço tanto na natureza ou no universo, como também nas esferas pública e privada, o que a autora salienta: “a privatização era como que o outro lado escuro e oculto do domínio público, e como senhor político significa atingir a mais alta possibilidade da existência humana, não possuir um lugar privado próprio (como no caso do escravo) significa deixar de ser humano” (ARENDR, 2017, p. 79). Eis o resultado que é obtido da realização daquele que se propõe ser o “fabricador” do mundo e das coisas – a garantia de que o homem domina a natureza. Ainda a respeito desse tema, o seguinte fragmento pode ser esclarecedor:

A diferença entre fabricação e trabalho é equivalente à distinção entre o uso e o consumo, entre o desgaste e a destruição. [...] Embora o uso tenha como consequência o desgaste dos produtos da fabricação, estes não são produzidos para serem usados; o desgaste provocado pelo uso atinge diretamente a durabilidade do produto, mas como efeito colateral (CORREIA, 2017, p. 43 – grifos nossos).

As coisas são destinadas ao uso, pois ao longo do processo elas denotam a durabilidade do mundo. Com isso, garantem a objetividade do mundo na sua relação com o homem, uma relação tanto afetiva com os objetos, como objetiva. Assim, a durabilidade demonstra uma certa ambiguidade na relação entre o homem e o meio que o cerca, como dependente e, ao mesmo tempo, como constituidor: “[...] Enquanto a durabilidade empresta uma certa independência aos objetos em relação ao homem que produziu e os utiliza, a assimilação dos produtos destinados ao consumo pelos organismos vivos os priva de qualquer existência independente, objetiva” (CORREIA, 2017, p. 43). A relação é sempre ambígua, de independência e de dependência.

Embora a obra defina o mundo dos homens, pela relação afetiva ela também representa a realidade fictícia do mundo, conferindo a essa estabilidade. Tal estabilidade será, contudo, sempre ambígua, já que a relação do homem com o mundo será de dependência e de autonomia. Um pouco mais adiante neste estudo, poderemos tratar a degeneração do *uso* em *consumo*. Utilizando a expressão *labor*, uma opção de tradução para o que aqui temos chamado *trabalho*, é possível uma vez mais distinguir sua aplicação do que estamos dizendo a respeito da obra:

O *labor* [trabalho] produz o alimento para a sobrevivência, mas seus esforços não se inquietam por muito tempo, pois o alimento precisa ser consumido dentro de determinado período de tempo, antes que se deteriore. O *labor* é cíclico e repetitivo porque quer o produto do *labor* seja consumido, quer seja relegado à deterioração, ele é reabsorvido, voltado para a vida orgânica, e o processo deve começar novamente (FRY, 2010, p. 66).

Assim, se o trabalho resulta no esforço do homem na terra para produzir e cultivar os alimentos para sua própria existência, a obra garante a continuidade desse mundo, o mundo dos humanos. Diante disso, podemos ver que o conceito de obra tem certa linearidade. A condição do homem está inerente à condição de suportar a vida humana, pois o homem não é imortal. Está no mundo, mas de forma “passageira”, somente como fabricante. Assim é o autor das coisas que estão no mundo, como o escultor que precisa fabricar objetos. Vemos que as coisas estão dentro de um processo natural e global, como Arendt aponta. As coisas sempre voltarão ao mesmo processo donde elas vieram, reforçando o caráter de continuidade entre a atividade do trabalho e da obra, sem que se leia por meio de rupturas:

Se abandonada à própria sorte ou descartada do mundo humano, a cadeira se converterá novamente em madeira, e a madeira se deteriorará e retornará

ao solo, de onde surgiu a árvore que foi cortada para transforma-se no material no qual opera e com o qual construir (ARENDDT, 2017, p. 170).

Embora saibamos que os objetos estão destinados a um processo de degradação, isso não indica que o fruto dessa degradação seja o consumo, mas a durabilidade dos objetos. Isso também é referido por Arendt, quando discorre sobre “o destino último, no mesmo sentido em que a destruição é o fim intrínseco de todas as coisas destinadas ao consumo” (ARENDDT, 2017, p. 170). A durabilidade do mundo compete às coisas que estão no mundo e à independência dos homens que produzem uma objetividade que os auxilia no processo de imposição de identidade, de construção de um mundo próprio, mundo dos seus artefatos. Arendt fala disso pela categoria de mesmidade: “os homens, a despeito de sua natureza sempre cambiante, podem recordar sua mesmidade [*sameness*], isto é sua identidade, por se relacionarem com a mesma cadeira e a mesma mesa” (ARENDDT, 2017, p. 170).

Nesse caso, podemos observar que a obra está no espaço do mundo, cujo papel do homem é de fabricante, isto é, o de compositor dos objetos. Vemos que ela tem um papel importante, pois garante que o homem veja a realidade do mundo, para além do processo biológico do trabalho. Faz, ao mesmo tempo, um contraponto, entre o autor e a sua obra, entre subjetividade e objetividade:

Em outras palavras, contra a subjetividade dos homens afirma-se a objetividade do mundo feito pelo homem, e não a sublime indiferença de uma natureza intacta esmagadora, força elementar que os forçaria, ao contrário, a voltar inexoravelmente no círculo de seu próprio movimento biológico, que se harmoniza estreitamente com o movimento cíclico global do reino da natureza (ARENDDT, 2017, p. 171).

Diretamente vinculada à *vita activa*, a obra constrói um mundo como morada dos homens, deixa uma marca nesse processo. Os produtos da obra são tangíveis e garantem a continuidade do mundo. Contudo, para Arendt a obra não é o último estágio da *vita activa*, não é a meta derradeira do movimento humano. Essa concentra-se na ação, que compõem com o trabalho e a obra a tríade do processo narrado nos primeiros capítulos da obra “A Condição Humana”.

1.3 A AÇÃO COMO META

A ação é a única atividade da condição humana que não necessita diretamente de algo mediante a coisa fabricada. Como vimos nos tópicos anteriores, obra e trabalho necessitam de um objeto natural. A ação, ao contrário, não está vinculada a um resultado material, mas corresponde à pluralidade dos homens e à possibilidade do discurso. A pluralidade mostra, ao mesmo tempo, que o homem é igual e diferente dos outros. Estão unidos numa mesma condição, mas não como um conglomerado informe. São, cada qual a seu modo, agentes de transformação do mundo por interação:

A ação, por fim é a única atividade que se dá diretamente entre os homens, sem meditação de qualquer objeto natural ou coisa fabricada, e corresponde à condição humana da pluralidade. [...] Essa noção de pluralidade é a condição mesma da vida política (CORREIA, 2017, p. 42).

Portanto, vemos que a ação corresponde ao fato de que todos os homens estão no mundo, mas de modo plural. Deve-se, como diz Correia (2017, p. 42), “ao próprio fato de que somos todos humanos, mas de tal modo que jamais viveu ou viverá” alguém como nós. Isso é o que a autora chama de “pluralidade”. Por meio da noção de pluralidade vemos que o indivíduo é, ao mesmo tempo, igual e diferente. Sendo assim, vemos que a ação depende da pluralidade. Vejamos: “ao agir, o indivíduo confirma sua singularidade e aparece, a outros indivíduos únicos” (CORREIA, 2017, p. 42). Então, a ação é uma das atividades humanas mais importantes, pois irá se comprometer com a prática (*práxis*). Assim, é o componente da *vita activa* que tem uma relação direta com a política e também com a liberdade humana. Esse aspecto é fortemente apresentado pela autora:

A ação, única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição da pluralidade, do fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. [...] Embora todos os aspectos da condição humana tenham alguma relação com a política, essa pluralidade é especificamente a condição – não apesar, a *condition sine qua non*, mas a *condition per quam* – de vida política (ARENDRT, 2017, p. 9).

Assim, a autora fala que cada ser humano tem a graça de nascer único, ao mesmo tempo em que envolto numa comunidade de humanos que também o ultrapassa. A condição da pluralidade, revelada na ação, é garantidora da *condição*

humana. Como Arendt diz: “[...] a ação tem a relação mais estreita com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente ao nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir” (ARENDR, 2017, p. 11). Nesse sentido, pela ação – exemplificada como a vinda do novo, por isso o nascimento – os homens têm o contato inerente com o novo. Vejamos:

O fato de o homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isso, mais uma vez, só é possível porque cada homem é único, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo singularmente o novo (ARENDR, 2017, p. 220).

Essa capacidade de lidar com essas condições “novas” está diretamente ligada à possibilidade do discurso. Ainda sobre a irrupção do novo, a ação está proximamente ligada à natalidade, “que é um conceito que está ligado ao milagre do nascimento e do novo começo” (FRY, 2010, p. 69). Arendt retira esse conceito, por sua vez, de Santo Agostinho, para quem cada pessoa é criada no singular, em virtude de um novo começo que se dá a partir de seu nascimento. Isso também fica mais claro nas palavras do comentador:

Como nascíveis, os seres humanos nascem a fim de trazer algo novo para o mundo e, através da ação política, sob a forma de palavras e de ação, tornam-se capazes de distinguir a si mesmos e revelar sua individualidade no mundo. [...] Por esta razão, ação é como um segundo nascimento, porque permite que as pessoas encetem algo novo e mostrem quem são (FRY, 2010, p. 69).

Sem o discurso e a ação o homem não pode distinguir sua vida humana. O que difere o homem dos animais é justamente a sua capacidade tanto de discursar, como também de agir, pelas quais revela sua singularidade. Cada pessoa carrega consigo mesmo a capacidade de agir e discursar diferente. Assim, pode ser considerado livre e hábil para o tratamento do novo que se impõe como resultado da ação. Com efeito, vemos que o homem é um iniciador. Essa capacidade o leva a inserir-se no espaço público. Assim, o homem tem a capacidade de agir desde sua inserção na vida política, a começar pela sua relação com os outros. Pela ação e pelo discurso relaciona-se. Desde o nascimento biológico a ação só acontece entre as pessoas, pois se encaixa na iniciação do homem no mundo, por meio de suas experiências pessoais e de seu conhecimento. A partir disso, cada indivíduo adquire uma vida

pública, através de seus atos e de suas palavras, pois o trabalho e a obra só lhe dão o condicionamento da vida: “Ao agir e ao falar, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais únicas, e assim fazem seu aparecimento no mundo humano, enquanto suas identidades pessoais únicas” (ARENDDT, 2017, p. 222).

A ação é, portanto, essa capacidade que o indivíduo tem para com o novo e a responsabilidade de assumir a sua condição de ter nascido no mundo. Assim, garantindo sua aparição no mundo por meio da pluralidade cada indivíduo age diferente por meio de sua singularidade. O ser humano age sobre seus atos e suas palavras a partir disso. A pluralidade abre espaço do homem se lançar no mundo, e iniciar algo novo. O homem está inserido em uma teia de relações humanas. Com isso, na medida em que vai iniciando, vai sendo afetado pela história daqueles com quem ele se relaciona. Por isso Arendt os chama de atores². Para ressaltar a importância da política na ação, engajando-se por meio do discurso, Arendt fala que o homem nasce para o mundo. Ação e discurso têm, contudo, duas características: a irreversibilidade e a imprevisibilidade. Como imprevisíveis, seus resultados estão fora do controle dos homens:

A imprevisibilidade da ação não é devida à ausência de previsão ou de planejamento da parte daqueles que procurariam controlar a política, porque a ação é intrinsecamente imprevisível e lança uma série de consequências em uma teia de relacionamentos humanos que não podem ser inteiramente delineados com antecedência. [...] A ação é também irreversível, porque, uma vez tendo sido realizada, não pode ser revogada, e permanece com a comunidade durante tanto tempo quanto a pluralidade dos cidadãos continuar a discuti-la e lembrá-la. [...] A ação possui um poder estável que não pode ser inteiramente controlado, mas é decidido pela comunidade na qual a ação incide (FRY, 2010, p. 71).

As ações humanas, marcadas pela imprevisibilidade e irreversibilidade, podem gerar conflitos entre os homens. Para solucionar esse impasse, a autora fala de duas palavras que auxiliam os homens na manutenção do equilíbrio nas relações, quais sejam: o perdão e a promessa. O homem é um animal capaz de prometer e de pedir perdão, assim tentando remediar as consequências indissociáveis de uma ação

² O conceito de “atores” que Arendt expõe em sua obra quer demonstrar que o homem é ator principal de sua história, faz parte dela como realidade. Os antigos viam essa história como algo “fictício”. O homem era tido como manipulado por um autor. Mas Arendt mostra que o homem deve conhecer sua própria história.

irreversível e com consequências sempre imprevisíveis. Sobre isso também alude o comentarador:

Arendt alega que a inseparabilidade e irreversibilidade da ação política podem ser contraposta através da habilidade em fazer promessas e mediante o poder de perdoar. [...] A imprevisibilidade da ação é remediada pela habilidade humana de fazer e manter promessas que estabilizam a ação de alguma maneira. [...] Através da promessa, um agente pode fazer indicações para a comunidade a respeito do futuro, o que proporciona estabilidade. [...] A incredibilidade da ação passada política é temperada pela capacidade dos seres humanos de perdoar-se mutuamente e desculpar os erros passados (FRY, 2010, p. 72).

Perdão e promessa constituem, pois, as duas alternativas necessárias à manutenção do equilíbrio nas relações cotidianas. Isso atesta a importância da ação como pleno cumprimento da *vita activa*, embora não como a totalidade das atividades que integram a condição do homem na terra. Por isso, esse capítulo fez questão de tratar as três etapas apontadas pela autora, a fim de, ao longo dos próximos capítulos, focalizar a obra e sua importância na composição do mundo dos homens, ao mesmo tempo em que o seu limite ante a capacidade do trabalho é sempre questionado. O presente capítulo, como uma visão geral das três atividades integrantes da *vita activa* cumpre, portanto, o seu papel no todo deste estudo, de modo que é oportuno avançarmos ao próximo passo de nossa investigação.

2 A RELAÇÃO ENTRE OBRA E TRABALHO

Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário,
o seu ser social que lhe determina a consciência.
Karl Marx

Ao longo do presente capítulo discorreremos sobre a relação sempre presente entre os conceitos “trabalho” e “obra”. Embora já mencionados nas páginas anteriores, pela importância que adquirem no desenvolvimento do argumento de Arendt é preciso particularizar alguns de seus aspectos, especialmente no diálogo com outras filosofias. Observa-se que no decorrer do seu processo de consolidação o trabalho ganhou espaço dentro da sociedade moderna, como realçado por teóricos como Karl Marx. O homem passa a ser tomado como portador de uma objetividade, que é o trabalho, equivalendo dimensões que em Arendt são abordadas separadamente (como é o caso do trabalho e da obra). Precavendo-se desse equívoco, Arendt entende que os autores modernos “A era moderna em geral e Karl Marx em particular, fascinado por assim dizer, pela atual produtividade sem precedentes da humanidade ocidental, tendiam quase irresistivelmente a considerar todo o trabalho como obra a falar do *animal laborans* que em termos muito mais adequados [pode-se dizer como] *homo faber*, como a esperar que faltasse apenas um passo para eliminar totalmente o trabalho e a necessidade” (ARENDR, 2017, p. 107).

Desse modo, a distinção entre trabalho e a obra ia se esvaindo. Não completamente, na medida em que ganha um objetivo no mundo, qual seja: a força viva do trabalho. Toda atividade relacionada ao trabalho está entrelaçada a uma segunda atividade essencial, que constrói um certo grau de qualificação das atividades, como pontua a autora: “Toda atividade exige certo grau de qualificação, tanto as atividades de limpar e de cozinhar como a de escrever um livro ou construir uma casa” (ARENDR, 2017, p. 110). Apesar disso, distinguem na maior ou menor incidência na qualificação da condição humana, estando voltadas para a manutenção da vida (como cozinhar ou limpar) e/ou para a construção do mundo (construir uma casa ou escrever o livro).

Com efeito, a contemporaneidade fez surgir uma grande questão com a chamada “divisão de divisão”. Marx previu o trabalho qualificado, porém, o resultado

desse trabalho não é o hábito individual de cada indivíduo, mas a força do trabalho, como extraímos do entendimento da autora: “O resultado é que o que é comprado e vendido no mercado de trabalho não é a qualificação individual, mas a ‘força de trabalho’, da qual todo ser humano deve possuir aproximadamente a mesma qualidade” (ARENDR, 2017, p. 110).

Assim, a obra faz parte da fabricação do que constitui o mundo dos homens, dando a estabilidade de que as coisas do mundo possam imprimir sentido ao ciclo vital e à existência humana. A vida humana, como sabemos, é uma vida significativa, dotada de significação. Embora mantenha-se, pelo trabalho, compreende-se a si mesma como vida significativa a partir do mundo forjado pela obra. No entanto, embora duradoura, a permanência dos artifícios humanos não é absoluta, na medida em que o uso contínuo faz com que as coisas se desgastem ao longo do tempo. Com isso, notamos que ao longo desse processo as coisas são àquilo que eram, regressam à natureza, entendida como ciclo. Isso ocorre a partir de um processo de sua própria existência no mundo. No caso do homem, a aceleração do uso equiparou-o ao consumo, apontando para a vitória do *animal laborans* sobre o *homo faber*. O trabalho ganhou certo espaço na sociedade moderna, pois tornou-se a garantia da existência como forma produtora do homem. A lógica não mais se concentra no ciclo biológico, mas no trabalho como forma de “produção” e saneamento de necessidades para o indivíduo, as quais são atendidas por meio de suas obras. O que aconteceu na era moderna é que o trabalho ganhou “forma”, ocupando o lugar da obra. Para reconhecer esse processo, porém, Arendt dialoga com alguns dos autores que abordaram essas questões, entre eles Locke e Marx, os quais convocamos à nossa discussão.

2.1 A NOÇÃO DE TRABALHO EM KARL MARX

O trabalho, para Karl Marx, tornou-se na sociedade moderna um grande aglutinador da reflexão, pois para ele era considerado a fonte de todas as coisas, pelo fato de o homem produzir através dele o sustento de sua vida. A partir disso, o trabalho tornou-se dos epicentros para a compreensão das transformações da sociedade, fixando, em termos práticos, seu posicionamento como atividade central para o aprofundamento das relações sociais. Para isso, Marx se interessou pelo trabalho como um todo. Como denota Arendt (2017, p. 124), “Marx, no qual o trabalho passou a ser a fonte de toda produtividade e a expressão da própria humanidade do homem”,

não pode ser ignorado quando objetivamos tratar esse tema. Verifica-se, então, que o trabalho era como uma primazia da capacidade do homem em construir o mundo em que ele vive. Conforme o pensamento de Marx, a capacidade de converter a natureza pela imposição da condição humana. Além de Marx, como dissemos acima, Arendt refere-se também a outros autores, como Locke e Smith, que pretendiam tomar o trabalho unicamente como a fonte do acúmulo que o homem faz de suas riquezas. Esses não deram a legítima importância ao conceito, como o fez Marx. Vejamos:

Todos eles, porém, embora Marx com maior força e consistência, defendiam que o trabalho fosse visto como a suprema capacidade humana de construção-do-mundo [*world-building*]; e como o trabalho é, na verdade, a mais natural e a menos mundana das atividades do homem, cada um deles, e novamente nenhum mais que Marx, viu-se enredado em algumas condições genuínas (ARENDR, 2017, p. 124).

Com isso, no processo que humaniza o homem o trabalho tornou-se uma atividade coerente à humanidade, forma de satisfação e realização dos homens. Seguindo uma dialética de acúmulo de riquezas, para Marx o homem manifesta-se e emancipa-se pelo trabalho. Nesse sentido, o trabalho é apresentado como uma autonomia humana mediante a relação com a natureza, fazendo do homem um ser que é natural para si, um ser próprio e distinto dos animais, pois os animais agem por instinto e a sua produção de vida é diferente. Nesse sentido, Marx não quis emancipar propriamente uma classe, mas sim o homem, como explicita Arendt em sua obra:

A atitude de Marx em relação ao trabalho, em relação ao próprio foco de seu pensamento, nunca deixou de ser equivocada. [...] Embora o trabalho fosse uma “eterna necessidade imposta pela natureza” e mais humana e produtiva das atividades do homem, a revolução, segundo Marx, não tinha a tarefa de emancipar as classes trabalhadoras, mas de emancipar o homem do trabalho; somente quando o trabalho é abolido pode o “reino da necessidade” (ARENDR, 2017, p. 128).

Talvez seja possível aproximar a leitura arendtiana da de Marx, na medida em que ambos, autor e autora, consideram o trabalho a princípio como ligado a uma subordinação do homem ao meio. No caso de Arendt, uma subordinação ao ciclo biológico. No caso de Marx, ao domínio das estruturas de exploração. Nos dois casos, porém, é algo que está fora do controle do homem e exige emancipação. Nesse sentido, a atividade do trabalho, entre as outras atividades humanas que condicionam a vida humana em ato de existir, tem relação com o mundo. O trabalho está ligado a

vida no mundo, pensada como ciclo: “De todas as atividades humanas somente o trabalho, e não a ação nem a obra, é indeterminável, prosseguindo automaticamente em consonância com a vida, fora do escopo das decisões voluntárias ou dos propósitos humanamente significativos” (ARENDR, 2017, p. 130).

Por sua vez, Marx apresenta o trabalho como um elemento de uma subordinação do indivíduo ao capital – e não à natureza, como em Arendt. Com isso o trabalho, estranhado sacrifício que gera o desgaste no homem, produz riqueza. O homem, portanto, somente doa sua força de produção. Justamente nesse ponto e destoando da leitura adotada por Marx, Arendt mostra que a força do trabalho é uma potência na qual o indivíduo busca a renascença para a reprodução, diz ela: “a força do trabalho de um organismo vivo, ao conceber o excelente do trabalho como aquela quantidade de força de trabalho remanescente, [permanece mesmo] depois de o trabalhador ter produzido os meios para sua reprodução” (ARENDR, 2017, p. 130).

Marx tem a finalidade de focar no trabalho, nas descrições de uma realidade de busca intensa pela procriação do trabalho, como uma modalidade de fertilidade de procriação naquilo que se tornara uma produção tanto em larga escala, como na sobrevivência do indivíduo. Isso está reforçado no seguinte comentário da autora:

Talvez nada indique mais claramente o nível do pensamento de Marx e a finalidade de suas descrições à realidade fenomenológica que o fato de ele haver baseado toda sua teoria na compreensão do trabalho e da procriação como duas modalidades do mesmo fértil processo vital. [...] O trabalho era para ele a “reprodução da vida do indivíduo”, que lhe assegurava a sobrevivência da espécie (ARENDR, 2017, p. 130).

Como vimos, enfim, o trabalho está ligado à vida e à fertilidade. O organismo procura a precaução constante da necessidade de reproduzir, em contínua multiplicação (seja de si mesmo, ou de si nas coisas do mundo, resultantes do trabalho), mas não fica preso à reprodução humana como exponencial da vida. Para Arendt (2017, p. 133), o “organismo vivo não se esgota após garantir o necessário à sua reprodução; seu ‘excedente’ está em sua potencial multiplicação”, também a partir da transformação do mundo. Nisso, a categoria do trabalho, como tomada por Marx, certamente também inclui alguns dos requisitos presentes em Arendt no tratamento da obra. Seria uma forma híbrida, a compreensão de duas realidades da *vita activa* que a autora discrimina separadamente. Além disso, parece que em Marx existe uma supervalorização da força produtiva, sendo o homem escravo não da natureza, mas

dos outros homens com quem partilha sua condição. O mesmo não pode ser admitido por Arendt, já que a condição da ação é emancipadora, consciente da pluralidade e capaz de valer-se do discurso como instrumento para o exercício da política.

De todo modo, existe na discussão arendtiana uma importante distinção nas formas de relação com o resultado do trabalho e da obra. Para ela, o que advém do trabalho é consumido. O produto da obra, contudo, deve ser utilizado para a constituição do mundo dos humanos. Mas, ao longo das últimas décadas, houve uma inversão nessas concepções, o que nos leva a tratar a passagem do *uso* no *consumo* do mundo, reforçando, uma vez mais, a vitória do *animal laborans*.

2.2 A PASSAGEM DO USO PARA O CONSUMO DO MUNDO

Ao longo do processo histórico a sociedade ganhou espaço na capacidade de produção e o trabalho, como vimos, esse conceito adquiriu certa centralidade a partir disso. No processo vital do homem a noção de produtividade logrou força. Sobre isso, conforme Arendt (2017, p. 115), “a produtividade do trabalho é medida e aferida em relação às exigências do processo vital para fins da própria reprodução; reside no excedente potencial inerente à força de trabalho humana, e não na qualidade ou no caráter das coisas que ele produz”. Assim, o que ganhou forma por meio do artifício do *homo faber*, isto é, os objetos que eram fabricados para o *uso*, os quais possuíam como característica fundamental a durabilidade, também passam a ser regidos pela lógica do consumo. As coisas vão sendo consumidas ao longo do tempo, como objetos que se deteriorando. Tanto o ideal de durabilidade, quanto o de estabilidade “foram sacrificados à abundância, ao ideal do *animal laborans*” (ARENDR, 2017, p. 154).

Este é justamente o ponto em que se instala o colapso da passagem do trabalho para a ação, intermediado pela capacidade de produzir um mundo de obras. O mundo dos humanos é neutralizado, ao nível do mundo das coisas dispostas para serem consumidas. Nesse sentido, talvez Marx tenha tido razão: no consumo dos objetos, passa-se a consumir também os humanos que os produziram – neutralizados como restam, sob a sombra do seu artifício. O esforço do trabalho do homem se suaviza na progressão do trabalho que se liga não mais à obra, que não pertence ao caráter do processo do consumo, mas que passa a integrar o mundo na maneira do *uso*. Com Arendt, pensemos no exemplo das ferramentas que estão à nossa

disposição: “As ferramentas e instrumentos, que podem suavizar consideravelmente o esforço do trabalho, não são produtos do trabalho, mas da obra; não pertencem ao processo do consumo, mas são parte integrante do mundo de objetos de *uso*” (ARENDDT, 2017, p. 149). Ainda assim, são reduzidas como componentes em nosso processo de consumo do que nos cerca. A obra, enquanto essencialmente guiada pelo produto acabado, pela transformação da natureza, exige uma manutenção e habilidade. O consumo, presta-se à lógica da sobrevivência:

[...] enquanto a especialização da obra é essencialmente guiada pelo próprio produto acabado, cuja natureza é exigir diferentes habilidades que são então reunidas e organizadas em um conjunto, a divisão do trabalho, pelo contrário, pressupõe a equivalência quantitativa de todas as atividades singulares para as quais nenhuma habilidade especial é necessária; essas atividades não têm um fim em si mesmas, mas representam, de fato somente certas quantidades de força de trabalho, somadas umas às outras de modo puramente quantitativo (ARENDDT, 2017, p. 152).

Desta feita, o homem sempre necessitou lidar com as coisas que estão ao seu redor como obrigação, estabelecendo com elas uma relação intrínseca (seja de afeto, seja prática), como se tivessem sido feitas para o *uso*. Como se estivessem imersas na elaboração e no convívio que ele estabelece com os objetos, compelidos ao desgaste. A realidade do mundo, como produção da capacidade humana, é desprezada. Enquanto isso, como lembra Arendt (2017, p. 116), é “dentro de coisas duráveis que encontramos os bens de consumo com os quais a vida assegura os meios de sua sobrevivência”. Ou seja, a condição humana dá-se, de forma independente da natureza, pela capacidade do obrar. Diluir a importância da obra, relegando-a à equivalência da lógica do trabalho é, ao mesmo tempo, colocar em risco a própria condição do homem em sua relação com a natureza. É dispor o ser humano no nível do que pode ser consumido e está à disposição do consumo. O que inicialmente ocorre com as coisas do mundo, posteriormente podem voltar-se contra seu próprio artífice. Vejamos:

Em sua maioria, mas não exclusivamente, essas coisas são objetos destinados ao *uso*, dotadas da durabilidade de que Locke necessitava para o estabelecimento da propriedade e o “valor” de que Adam Smith precisava para o mercado de trocas, e dão testemunho da produtividade que Marx acreditava ser o teste da natureza humana (ARENDDT, 2017, p. 169).

Todos os autores supracitados, porém, mantiveram a importância da remissão da produção ao seu artífice. Em outras palavras, não neutralizaram essa relação, equiparando o objeto resultante da ação do *homo faber* ao nível da manutenção da vida. Com isso, nossa época pode estar dando um passo decisivo na aniquilação da condição humana tal como essa se desenvolveu ao longo dos últimos séculos. Desse posicionamento não se pode esperar nem a formulação de uma política prática, nem, sequer, de uma ética. O homem se esquece que os objetos têm um tempo de duração muito maior que a vida humana, e por isso garantem a continuidade do mundo, isto é, a sua estabilidade, unindo gerações e gerações a fio. A transformação de *uso* em *consumo* tem algumas referências básicas, entre as quais estão presentes a busca por obtenção de lucro e a apropriação íntima do objeto criado, deslocando de sua função no mundo dos homens. Em ambos os casos é possível identificar a incapacidade de posicionamento no âmbito da vida pública, o retorno à individualidade como regra. Conforme demonstra Arendt, a capacidade de consumir está vinculada à individualidade de cada ser humano e mesmo que haja uma coletividade no trabalho, o indivíduo sempre buscou acumular riquezas. Deslocado do âmbito em que a condição humana pode prosperar, isto é, da vida pública, tal orientação tem como meta o prazer e a opulência. Analisemos o ponto de vista da filósofa sobre o assunto:

Mais séria, parece-me, é a limitação imposta pela capacidade de consumir, que permanece vinculada ao indivíduo mesmo quando uma força coletiva de trabalho substituiu a força de trabalho individual. O progresso da acumulação de riqueza pode ser ilimitado em uma “humanidade socializada” que se desembaraçou das limitações da propriedade individual e superou a limitação da apropriação individual ao dissolver toda riqueza estável, a posse de coisas “amontoadas” e “armazenadas” em dinheiro para gastar e consumir. Já vivemos em uma sociedade em que a riqueza é aferida em termo da capacidade de ganhar e gastar, que são apenas modificações do duplo metabolismo humano. O problema é, portanto, como sintonizar o consumo individual com um acúmulo ilimitado de riqueza (ARENDR, 2017, p. 169).

Outra vez a chave de compreensão da análise desenvolvida por Arendt parece estar sobre a delimitação da meta que constitui a condição humana. Entendida como *vita contemplativa* a humanidade refugiou-se nas atividades do espírito, inferiorizando, como vimos, o âmbito da vida prática. Regida pela lógica do trabalho, acabará impossibilitada de ascender ao que realmente constitui e dá sentido à sua condição, isto é, a ação. Para Arendt, a humanidade assumiu o papel de inversão daquilo que se tornou um limite. Assumiu como prerrogativas de sua condição o *ter* e o *consumir*, de modo que trata os objetos de *uso* como passíveis de seu *consumo*. Para nos

valermos do exemplo da autora, tal estado de coisas consiste “em tratar todos os objetos de uso como se fossem bens de consumo, de sorte que uma cadeira ou uma mesa sejam então consumidas tão rapidamente quanto o alimento” (ARENDDT, 2017, p. 153). Como grande epicentro para a leitura do fenômeno, elege-se a “revolução industrial”. Conforme a filósofa, a partir da revolução industrial houve uma substituição do artesanato, que antes era a centralidade da vida das comunidades, a produção das obras que orientariam o seu mundo, pelo trabalho que ganhou forma no mundo moderno. Portanto, o trabalho vira a centralidade, permitindo o avanço de uma prática nociva: “[...] A Revolução industrial substitui todo artesanato pelo trabalho, e o resultado foi que as coisas do mundo moderno se tornaram produto do trabalho, cujo destino natural é serem consumidos, ao invés de produtos da obra, que se destinam a ser usadas” (ARENDDT, 2017, p. 154). Se o ideal do *homo faber*, que é o fabricante do mundo dos homens, é que as coisas se tornem duráveis, dando estabilidade ao mundo e às relações que nele se estabelecem – como diz Arendt (2017, p. 154), “os ideais do *homo faber*, fabricante no mundo, [...] são a permanência, a estabilidade e a durabilidade” – com o processo de evolução social vimos tal ideal transformado na efemeridade do que está disposto ao consumo absoluto, isto é, à lógica sacrificial do *animal laborans*. Nesse jogo, incluem-se tanto os objetos, como os sujeitos que os produzem e consomem.

2.3 A VITÓRIA DO *ANIMAL LABORANS*

Para tratarmos, enfim, do que Arendt chamou como “a vitória do *animal laborans*” devemos entender alguns aspectos fundamentais, entre os já explorados pelas páginas anteriores. Por que o *animal laborans* é situado como vencedor, numa perspectiva da modernidade? Por que não o *homo faber*? Para isso, vamos nos situar no contexto de fala da autora. O *homo faber* aquele que fabrica o mundo dos homens, mas ao longo da era moderna várias inversões foram praticadas, sendo uma das mais importantes a centralização da posição do *animal laborans*, como diz a Arendt (2017, p. 154): “Parece igualmente plausível que essa inversão tenha promovido o *homo faber*, o produto e fabricante, em vez do homem como autor ou do homem como *animal laborans*, à posição mais alta entre as possibilidades humanas”. Essa impressão, contudo, é equivocada. Embora o *homo faber* tenha sido objeto de uma maior tematização por parte da modernidade, a lógica pela qual passou a ser

entendido dá primazia ao comportamento do *animal laborans*, daí a ênfase da autora em não apenas dizê-lo como o “fabricante”, mas também igualá-lo na categoria de “produto”.

Situado no tempo como fabricante de um mundo artificial, o *homo faber* passa a se destacar na medida em que a sociedade moderna se concentra sobre o aspecto da produção de riquezas:

[...] realmente, entre as principais características da era moderna, desde o seu início até os nossos tempos, encontramos as atitudes típicas do *homo faber*: instrumentalização do mundo, a confiança nas ferramentas e na produtividade do fazedor de objetos artificiais; a confiança na onipotência da categoria meios-fim, a convicção de que qualquer assunto pode ser resolvido e qualquer motivação humana reduzida ao princípio da utilidade; a soberania que concebe todas as coisas dadas e toda a natureza como material (ARENDR, 2017, p. 379).

Na era moderna persiste a ideia de que a compreensão da *vita activa* foi elevada, pois trata-se do período que mais fortemente enfatizou a função social do trabalho. Com efeito, houve gradualmente uma inversão entre as esferas da contemplação e da própria ação, assim como da ação e da fabricação, conforme o conceito abaixo:

O que exige explicação não é a moderna estima do *homo faber*, mas o fato de que essa estima tenha sido tão rapidamente seguida da promoção da atividade do trabalho à mais alta posição na ordem hierárquica da *vita activa*. Esta segunda inversão hierárquica dentro da *vita activa* ocorreu de modo mais gradual e menos dramático que a inversão de posição entre a contemplação e a ação [...] (ARENDR, 2017, p. 379).

Embora todos os fatores aparentemente estivessem depondo a respeito de uma valorização da condição humana a partir da categoria do *homo faber*, sorrateiramente praticava-se o inverso, a centralização do trabalho na ordem dos ciclos biológicos de manutenção da vida e, com isso, a retirada do protagonismo humano com relação aos objetos de seu artifício. O *Homo faber* buscou refúgio em uma das atividades da *condição humana*. Sendo um produtor de coisas, inverteu os valores tanto de troca, como de uso. Assim, a sociedade exprimiu um caráter de êxtase no deslocamento da alta produção e do consumo. O valor de troca submeteu-se ao valor de uso. Os artefatos produzidos escaparam do domínio de seu produtor, declinando a figura do *homo faber*, de livre produtor de mundo a prisioneiro da fabricação. O trabalho passou a fazer parte do sistema metabólico da vida biológica:

Pois, ao contrário da ação, que consiste em parte no desencadeamento de processos, e ao contrário da atividade do trabalho, que segue bastante de perto os processos metabólicos da vida biológica, a fabricação experimenta os processos, caso chegue de algum modo a percebê-los, como simples meios para um fim, isto é, como algo secundário e derivado (ARENDDT, 2017, p. 381).

Eis que está em jogo quando aqui preconizamos com Arendt a “vitória do *animal laborans*”. Tal delinea-se no fracasso do *homo faber*, no fracasso de seu reconhecimento em sua produção. Nisso consistem os ideais da vida moderna, tomada pela noção de utilidade. Para Arendt, o “o princípio da utilidade, embora o seu ponto de referência seja claramente o homem, que usa a matéria para produzir coisas, ainda pressupõe um mundo de objetos de uso em torno do homem, no qual o homem se movimenta” (ARENDDT, 2017, p. 382). O uso dos objetos ainda se mantém em estreita referência com o seu fabricante. Ao contrário, a lógica do consumo anula o lugar antes ocupado pelo artífice, como se dessa autonomia aos objetos e, mais que isso, lhes imprimisse maior valor na escala de dependência. O *homo faber* passa a ser dependente do artifício de suas mãos, assim como o é do trabalho, que visa à sobrevivência. Como problematiza Arendt (2017, p. 389):

A derrota do *homo faber* pode ser explicada em termos da transformação inicial da física em astrofísica, das ciências naturais em uma ciência “universal”. O que resta a explicar é porque essa derrota terminou com a vitória do *animal laborans*; porque, com a ascensão da *vita activa*, foi precisamente a atividade do trabalho que veio a ser promovida à mais alta posição entre as capacidades humanas foi precisamente a vida que predominou sobre todas as outras considerações.

A resposta para essas insinuações está identificada à motivação do que nos trouxe a este capítulo. A busca por melhoria de vida, deflagrada pela modernidade, trouxe consigo uma excessiva centralidade no indivíduo, tomado como passível de bem-estar. Ocorre que a insistência em produção de um mundo artificial, passou a concorrer com a obtenção de lucro, criando dicotomias também presentes à discussão de Marx, embora, para Arendt, esse autor também estivesse refém de uma apenas parcial leitura do fenômeno do trabalho. Como esfera intermediária para a compreensão da *vita activa* um retorno à importância da obra e salutar inclusive como forma de propormos alguma alternativa ao domínio do *animal laborans* – constatado por Arendt na metade do século passado, mas talvez levado à sua última consequência nas últimas décadas. Sem essa reorientação, não é possível conduzir

a condição humana ao desdobramento mais pleno de sua capacidade, isto é, a ação, âmbito em que descobrimos a consciência política, o reconhecimento da pluralidade que nos é inerente. Eis porque o capítulo que se dedica à frustração da produção, diluída no trabalho ligado à manutenção da vida, tem um propósito articulador em nossa investigação, obrigando-nos a uma vez mais regressarmos à categoria da obra a fim de obtermos os elementos cruciais para sua definição. Nesse sentido, estendemos nosso esforço numa espécie de continuidade ao já pensado por Arendt, quem sabe introduzindo elementos pertinentes para a análise do tempo presente.

3 O ALCANCE DA OBRA NA COMPOSIÇÃO DA CONDIÇÃO HUMANA

Os objetos só têm sentido quando têm sentido, fora disso... Eles precisam ser olhados, manuseados. Como nós.
Ligia Fagundes Teles

Como foi de algum modo tratado pelas páginas anteriores, a obra não apenas faz parte do mundo dos homens, mas o edifica, funda e constitui. Ela indica a condição artificial do mundo, o resultado da fabricação, a transformação da natureza em *lugar* de desenvolvimento das relações humanas. Esse é o sentido do homem como fabricante, como é atestado por Arendt (2017, p. 172): “A fabricação, a obra do *homo faber*, consiste em reificação³”. Esse pode ser um processo, ao mesmo tempo, crucial e degenerador – especialmente quando pensamos o modelo de produção capitalista. O produto que sai das mãos do homem interrompe o ciclo da própria natureza, neutraliza o seu processo vital, como admoesta a autora: “O material já é um produto das mãos humanas que retiram de sua natural localização, ou seja matando um processo vital, como no caso da árvore, que tem de ser destruída para que se obtenha madeira” (ARENDR, 2017, p. 173). Tal pode ocorrer seja interrompendo algum dos processos mais lentos da natureza (como o caso do ferro, da pedra ou do mármore, arrancados do ventre da terra), seja de forma mais instantânea, na constituição de instrumentos para a lida imediata e o mundo que se constitui a partir de seu manuseio. A obra diz respeito à durabilidade do mundo, que não é resultado do mero esforço, mas da estabilidade inerente à sua condição. Não se refere unicamente à necessidade do homem para seu prazer. Conforme Arendt (2017, p. 174), “a solidez resulta dessa força, não do prazer ou da exaustão que o homem sente quando provê o próprio sustento” – como no caso do trabalho. A obra não interfere na natureza simplesmente como forma de obter sobrevivência ou fruir a sua oferta, como dádiva gratuita, isso mesmo que não seja possível sem a referência primordial ao mundo natural. Para a autora, jogando com a metáfora estabelecida por Locke, “a solidez já é um produto das mãos do homem” (ARENDR, 2017, p. 174).

³ Reificação conceito de Karl Marx processo histórico intrínseco, na qual sociedade capitalista se caracteriza por uma transformação que caracterizava por uma transformação em caráter produtivas com o mercado.

A obra, (como resultado de uma capacidade prática), está diretamente ligada à fabricação, que é o fato de construir objetos, passando de uma pequena escala para as grandes produções, mesmo que de forma operacional e sem o contato com as “mãos do artífice” em sentido literal. Tal evolução também é descrita pela autora, como a passagem “ “das imagens mentais que se prestam tão fácil e naturalmente à reificação que não podemos conceber a produção de uma cama sem ter antes alguma ‘ideia’ de uma cama ante nosso olhar interior” (ARENDT, 2017, p. 175).

Assim, podemos ver que o processo de fabricação tem uma determinação que possui meios e fins. As coisas fabricadas tendem a ter um começo e um fim por definição, dominadas pela previsível degeneração, ainda que em escala maior que o ciclo da natureza; como amarras entre as gerações humanas, como tessitura dessa continuidade. Aqui aparece o traço de finitude inerente ao mundo dos humanos, à mundanidade como condição da *vita activa*: “a característica da fabricação é ter um começo definido e um fim definido e imprevisível, essa característica é bastante para distingui-la de todas as outras atividades humanas” (ARENDT, 2017, p. 179). Como vimos, o trabalho não possui fim nem início, é completamente cíclico, refém da dimensão biológica, de manutenção da sobrevivência. A ação, também não terá fim previsto, embora tenha demarcação do seu início. Apenas a obra pode, por sua temporalidade peculiar, demarcar os limites do mundo humano.

Vemos, então, que a obra faz parte da composição da vida humana, sendo parte do mundo dos homens, pois os objetos criados se tornam produtos de uso/consumo. O jogo entre esses dois conceitos reporta à ideia de que, embora sejam dados ao uso, a relação estabelecida com os objetos do *fazer* também acabaram por adquirir os contornos do consumo. Tal *degeneração* perverte a concepção original da autora quando afirma que somente “na medida em que a fabricação fabricar principalmente objetos de uso o produto acabado novamente se torna um meio, e somente na medida em que o processo vital se apodera das coisas e as utiliza para seus fins é que se estabelece a instrumentalidade limitada de tudo o que existe” (ARENDT, 2017, p. 178). Os objetos, pouco a pouco, perdem o seu caráter de constituidores do mundo, tornando-se ferramentas de submissão e de perpetuação de um ciclo de domínio. Não o domínio dos homens sobre a terra, mas o domínio dos homens sobre os outros homens.

3.1 O “TRABALHO DO CORPO E A OBRA DAS MÃOS”

O trabalho do próprio corpo está como manutenção da vida humana na Terra, como forma de atestar uma necessidade: a sobrevivência. A expressão que titula essa subseção não vem propriamente de Arendt, mas é apropriada de Locke, filósofo moderno do século XVII. Como coloca Arendt (2017, p. 99),

[...] a distinção de Locke entre as mãos que obram [working] e o corpo que trabalha é, de certa forma, remanescente da antiga distinção grega entre o *cherotechnes*, o artífice ao qual corresponde o *Handwerker* alemão, e aquele que, como “escravos e animais domésticos, atendem as necessidades da vida” – ou, em grego *to somati ergazesthai* obram com seus corpos (embora mesmo aqui o trabalho e a obra com já sejam tratados como idênticos, uma vez que a palavra empregada não é *ponein* [trabalho], mas *egazesthai* [obra]).

Vemos que, segundo essa leitura, trabalho e obra se distinguem como se distinguiram o *fazer* dos escravos e dos artesãos. O obrar não é em nome de outro, mas de si mesmo e da composição de um mundo, ao contrário do trabalho que, mesmo que para si, é sempre em atendimento a uma necessidade – e nisso não se distingue do *fazer* do escravo, expropriado de toda intencionalidade. Embora obra e trabalho qualifiquem a *condição humana* é, portanto, necessário reafirmar essa distinção. Todo ser vivo necessita se manter no mundo. O trabalho faz parte da rotina de todo homem na sociedade moderna, tornando-se a premissa principal na abordagem de vários outros autores (como Marx, a quem já nos referimos). É o trabalho que oferece proteção e segurança. No entanto, o modo de interação do trabalho é o consumo, que, trazido para o âmbito do obrar gera uma sociedade deficiente na forma de estabelecimento de suas relações.

Nicola Abbagnano oferece uma interessante conceituação a respeito da noção de trabalho, a qual transcrevemos:

Atividade destinada a utilizar as coisas naturais ou modificar o ambiente para *satisfação das necessidades* humanas. O conceito de trabalho implica portanto: 1) a *dependência* do homem, no que diz respeito à sua vida e a sua vida e aos seus interesses, em relação à natureza: o que constitui a necessidade (v. NECESSIDADE); 2) a relação ativa a essa dependência, constituída por operações mais ou menos elevado de esforço, sofrimento ou cansaço, que constitui o custo humano do trabalho (ABBAGNANO, 2012, p. 1147 – grifos nossos).

Note-se, em primeiro lugar, a coincidência da referência ao trabalho como atendimento a uma *necessidade* e, justamente por isso, como a consolidação de uma *dependência*. Para além do trabalho, a obra constitui o mundo social do homem, compondo à relação com a natureza a relação de uns com os outros. Partindo de uma noção histórica, o trabalho, como dissemos, foi objeto de outras considerações ao longo da história do pensamento ocidental. Não podemos desconsiderar, por exemplo, que a geração de riqueza e lucro também é uma das consequências do trabalho – por exemplo, na consideração da sociedade econômica, pela via do marxismo. Tal consideração, no entanto, aplicada ao sistema capitalista, não diz respeito ao sentido do trabalho em Arendt. Poderíamos mesmo dizer, como aludido anteriormente, que a noção de trabalho proposta por Marx é uma espécie de mescla entre o que Arendt considera como trabalho e obra. Outra vez recorremos a Abbagnano (2012, p. 1149): “O trabalho não é, portanto, apenas o meio com que os homens garantem a subsistência: é a própria realização ou produção de sua vida, é seu modo de vida, é um modo de vida determinado”. Aqui realçamos especialmente a última sentença: o trabalho é um modo de vida *determinado*. O mundo dos homens, formatado pelos objetos de sua criação, imprime liberdade à determinabilidade da sobrevivência. A obra inaugura, portanto, o mundo como horizonte de interação, de exercício da *condição humana*.

Assim, vemos que o homem sempre precisou criar os objetos que o assistem em sua existência, também para dar sentido ao mundo, fortalecendo, igualmente, suas habilidades e garantindo a continuidade necessária ao estabelecimento da *mundanidade*. A obra diz respeito à condição de retirar da natureza a matéria prima necessária para a constituição de um mundo material. Embora preso à sua condição orgânica, pela obra o homem pode descolar-se da natureza, estender-se a uma *realidade* que é a sua. Fabricar artefatos, por isso, não diz respeito unicamente ao atendimento de necessidades, mas à demarcação de um novo espaço de relações possíveis. Trata-se de uma interpretação já presente aos autores modernos, que Arendt recupera e aprofunda. Com a obra de suas próprias mãos instala-se o *imperium hominum*, ocupando um lugar que antes era estritamente destinado à ação de Deus. Pela técnica o homem cria o mundo dos homens. Sobre isso comenta Rodrigo Alves Neto (2013, p. 106):

Nessa medida, a peculiaridade da fabricação técnica (*téchne*) é ser uma atividade que outorga ser a certas coisas e objetos. De tal modo que a atividade técnica possui um sentido transitivo, dinâmico, que parte de si para voltar-se a algo fora de si.

Justamente pela sua capacidade de extrapolar o nível da necessidade, dirigindo-se para além dos limites da natureza, a obra, o objeto da fabricação, marca as fronteiras do mundo dos humanos. Ainda como se refere Alves Neto (2013, p. 106):

Assim, se na atividade técnica há uma simultaneidade entre movimento e movido, trata-se de uma simultaneidade precária, diferente do movimento natural, visto que ela cessa quando entra em vigor o fim pretendido. [...] Na técnica começo e fim estão, portanto, um fora do outro, pois não se confundem com os processos naturais, sempre cíclicos e meramente transitivos. Em sua origem (o agente racional como causa eficiente do movimento de criação e aparição) a técnica é atividade, mas considerada do ponto de vista do seu fim, ela é estabilidade e acabamento.

Como resultado de um processo técnico, a obra de arte possibilita a ruptura com a condição de determinabilidade que pervade a dimensão natural. Interrompe o fluxo circular das necessidades e, como mencionaremos no tópico a seguir, faz-se garantidora do mundo dos homens – que, por sua vez, será o universo necessário para a consolidação da política, da ação.

3.2 A OBRA COMO GARANTIA DO MUNDO DOS HOMENS

Esse tópico pretende insistir num aspecto já realçado em momentos anteriores desse estudo. A obra faz parte do mundo dos homens, como sua condição. Rompe com o ciclo vital e estabelece com esse a sua distinção. Se, então, por um lado o homem é o artífice, o produtor de obras e de mundo, por outro, a condição da mundanidade é resultante da obra, da conjuntura de mundo como resultado de um fazer humano. Qualquer objeto é resultado de um fazer. A corrente dos “fazeres”, contudo, fornece a correlação dos objetos que constituem um mundo. Rodrigo Alves Neto aponta

Por esta via, a existência propriamente humana precisa fazer surgir aquilo que não existe por si mesmo e não tem em si mesmo a sua causa de vir a ser: o mundo como espaço artificial, restaria somente a quietude dos processos naturais que oscilam dentro de si mesmo, com regularidade e espontaneidade. [...] Desse modo, pela manipulação técnica da matéria prima extraída dos processos naturais o homem fabrica o seu entorno, convertendo-o de mero meio biofísico dado em um artifício humano produzido. Arendt

denomina essa fronteira criada pelo artifício humano com termo “mundaniedade”. Pela fabricação (*work*), o homem produz coisas como objetos de uso e produz o mundo como artifício humano, cujo durabilidade sobrevive e suporta os processos cíclicos de surgimento e declínio da natureza, contra os quais ele é erigido (ALVES NETO, 2013, p. 107).

A condição do homem no mundo é a mundanidade, de modo que outra vez voltamos à condição da obra como garantia de um conjunto de coisas a partir das quais os indivíduos podem relacionar-se uns com os outros, como indivíduos humanos (objetos no nível instrumental, mas também a cultura de maneira geral: costumes, crenças...). “A mundanidade, como conjunto das coisas surgidas da fabricação técnica consiste na objetividade do artifício humano, cuja durabilidade e estabilidade se contrapõe ao ciclo natural de vida e morte das gerações [...]. É por isso que os resultados da fabricação técnica não se misturam com o próprio processo fabricante, mas vigem a partir de uma atividade que tem começo, meio e fim” (ALVES NETO, 2013, p. 107). Mesmo que se desgastem pelo processo do uso, as coisas fabricadas galgam a temporalidade de “pequenas eternidades” em comparação com os limites da vida biológica. Imprimem a duração; amarram uma época à outra e denotam a solidez do mundo dos humanos. Novamente para Alves Neto (2013, p. 107): “As coisas fabricadas são desgastadas pelo uso, mas não estão destinadas ao ciclo natural de aparição e desaparecimento, pois são feitas para conceder ao mundo a estabilidade, a solidez e a confiabilidade sem as quais ele não seria possível como lugar tangível para morada dos homens”. Nas obras de seu artifício o homem constrói sua morada e dá significado ao mundo. Assim, para Arendt, a existência humana está sempre condicionada à exigência de um universo adequado à sua manutenção e consolidação.

A existência humana, para Arendt, é condicionada pela exigência de todo um universo artificial durável que transcenda o mero ciclo biológico. Essa durabilidade do mundo precisa preexistir ao nascimento dos indivíduos e sobreviver a morte. Sem o artifício humano nada existiria a não ser a recorrência imutável e eterna da espécie humana como a de outras mais. Sem um mundo interposto entre os homens e a natureza, haveria eterno movimento circular, mas não *mundanidade* (ALVES NETO, 2013, p. 108).

O que estamos sustentando aqui, a partir da leitura de Arendt, é que para que haja o mundo dos humanos é necessário que consideremos a peculiaridade da obra, como ruptura como o ciclo anódino da natureza. Na fabricação os homens ultrapassam a dominação das leis naturais, as quais não esgotam nem cessam.

Ultrapassam a esfera da necessidade propriamente dita e fazem com que um mundo seja possível em oposição à natureza. Cessa o ciclo vicioso, circular e não deliberado da sobrevivência.

Assim, pela atividade da fabricação, os homens ultrapassam o domínio natural e não se esgotam no que a esfera da necessidade natural faz deles, uma vez que são formados, sobretudo, por aquilo que fazem da natureza, transformando-a em matéria prima para o artifício humano. É pela atividade da fabricação que o homem instaura um embate contra os processos naturais, rompendo com o círculo repetitivo e estagnado da necessidade, opondo ao domínio natural que lhe é imposto um domínio artificial próprio que resulta de sua atividade técnica ou produtiva e, assim, descobre-se como *homo faber*, ou seja, produtor de sua própria exterioridade, o agente da transformação de seu lugar de existência e o edificador de um mundo de coisas fabricadas (ALVES NETO, 2013, p. 108).

Do que dissemos até aqui, fica claro que embora não constitua o limite e a meta da *condição humana*, a obra, como condição intermediária da *vita activa*, salienta o ponto de partida para tudo o que poderá ser desenvolvido em termos da dimensão política em sentido estrito. Isso nos permite dizer que a obra pode ser tomada como condição preliminar à política, em que a humanidade ora conquistada se aperfeiçoa na relação de uns com os outros, pelo discurso, e no reconhecimento da pluralidade. As palavras de Alves Neto (2013) nos ajudam, então, a avançarmos ao último tópico de nosso estudo.

3.3 A OBRA COMO CONDIÇÃO PRELIMINAR À POLÍTICA

Ao contrário da fabricação de objetos e de um mundo comum, isto é, o operar, a ação está preliminarmente ligada ao discurso e à práxis. Existe, no entanto, uma correlação entre esses âmbitos, tal como denotado pela autora: “A ação e o discurso necessitam tanto da presença circunvizinha de outros quanto a fabricação necessita da presença circunvizinha da natureza, da qual obtém seu material, e de um mundo onde coloca o produto acabado” (ARENDT, 2017, p. 233). A própria autora, por isso, já reconhece o papel à obra de garantir o *espaço oportuno* para o desenvolvimento da ação. Para que seja possível agir é necessária a existência de um mundo comum. Assim, as articulações necessárias à vida política dependem da criação de estruturas de aproximação dos homens uns com os outros, o que ocorre através da construção do mundo. Ainda nessa correlação, diz Arendt (2017, p. 233), a “fabricação é circundada pelo mundo e está em permanente contato com ele; a ação e o discurso

são circundados pela teia de atos e palavras de outros homens, e estão em permanente contato com ela”.

O que está voltado para a obra, para a produção resultante de um artifício, garante que o homem é capaz de isolar-se do domínio da natureza, ao mesmo tempo em que inserir-se na convivência com os outros homens. De acordo com a interpretação da autora, contudo, a obra permanece em sua condição intermediária. Não se pode produzir isoladamente soluções para a vida social, para a convivência, sem que essas sejam resultado da ação.

A crença popular em um “homem forte”, que, isolado dos outros, deve sua força ao fato de estar só, é ou mera superstição, baseada na ilusão de que podemos “produzir” algo no domínio dos assuntos humanos – “produzir” instituições ou leis, por exemplo, como fazemos mesas e cadeiras, ou produzir homens “melhores” ou “piores” – ou é, então, a desesperança consciente de toda ação, política aliada à esperança utópica de que seja possível tratar os homens como se tratam outros “materiais” (ARENDR, 2017, p. 233).

Desse modo, mesmo que a ação não produza resultados tangíveis como a obra, são esses que garantem a continuidade das sociedades humanas, a construção de uma poderosa teia de iniciativas que visam o bem-estar, o progresso e o desenvolvimento. Ação e discurso também são, de certo modo, mais autônomos que a obra da criação humana, implicando continuidades que não diretamente estarão vinculadas ao seu universo de projeção e deflagração. A obra tem, portanto, um papel de articulação fundamental, como forma de amarra às experiências intangíveis concretizadas na relação entre os homens. Como assevera Alves Neto (2013, p. 108):

A técnica tem como finalidade alguma coisa cuja autonomia tangível difere do fabricante e da atividade fabricadora como meio para obtenção desse fim. Ao passo que a ação não produz resultados tangíveis, só existindo no momento em que é manifestada pelo agente na realização do seu fim. [...] A ação não é tangível porque não há nada em que ela possa se materializar, uma vez que ela se manifesta apenas entre os homens e não entre o homem e a natureza (NETO, 2013, p. 108).

A ação e o discurso não necessariamente intervêm na matéria, pois ocupam a esfera pública, isto é, o espaço inter-humano de relacionamento. Constituem a esfera da vida social humana, que está no contexto da civilização. Assim, a ação entra no âmbito das motivações, da integração entre os homens, não como uma produção interior de longa escala.

Nesse sentido, dentre todas as realizações empreendidas pelo homem quando está ativo, agir e falar são as únicas atividades que instauram e sustentam o espaço público, ou seja, o espaço de novos processos e iniciativas que cada homem em sua unicidade é capaz de realizar por haver nascido (ALVES NETO, 2013, p. 108).

Com isso, vemos que a noção de obra em Arendt, embora possa ser explicitada pela produção de obras de arte, por uma espécie de fazer excepcional, diz respeito à garantia da condição humana em sua distinção da natureza e, por isso, em sua possibilidade de consolidação da política como último desdobramento da *vita activa*. Ocorre que, na prática, acabamos por transpor as barreiras entre o uso e o consumo, aplicando-nos também com relação ao objeto de nossa criação a partir do mesmo comportamento que praticamos a respeito da natureza, submeter para sobreviver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, foi analisado o conceito de obra na filosofia de Hannah Arendt, um conceito mencionado como uma das três atividades integrantes da *vita activa*, horizonte em que se pode ler a condição humana, conforme o exposto no livro que leva esse título. O conceito diz respeito à intermediação entre o mundo dos humanos e sua libertação do horizonte da natureza. Nesse ultrapassamento da natureza através da produção de artefatos, dá-se a condição da mundanidade, que é definida pelo *homo faber* a partir da fabricação.

Assim o conceito de obra está ligado ao processo de fabricação das coisas, mas o fabricante perdura assim o tempo de vida da obra, contrapondo o próprio mundo dos homens. A obra, em seu caráter de fabricação, cria o ambiente propício para o desenvolvimento da vida, por meio dos objetos. A realidade valorizada pelo *animal laborans* é o mundo da natureza, da manutenção de um ciclo biológico e do atendimento das necessidades. O mundo inaugurado pela obra rompe a perenidade da vida e o desgaste do consumo, força à duração, uma duração que, pelo ultrapassamento do tempo biológico, serve como elo entre as diferentes épocas e realidades humanas. O *animal laborans* está enraizado pelo consumo para manutenção da sua própria vida. Por isso, não cuida do que é construído. Em vista disso, podemos reunir as principais contribuições de nosso estudo nos seguintes pontos:

I) Na construção da condição humana e da *vita activa*, conforme explicitado pela autora, vimos a importância da superação de um ideal de *vita contemplativa* pela exposição das três atividades, trabalho, obra e ação. A correlação entre esses três âmbitos garante, para Arendt, a possibilidade de redescobriremos o valor da *vita activa* e de, mais que isso, analisarmos a realidade que nos circunda.

II) A proposta de discussão suscitada por Arendt a respeito do trabalho e da obra fez com que também estabelecêssemos um breve diálogo com autores como Marx e Locke – com mais importância para o primeiro. Embora esses tenham o mérito de ter introduzido o debate sobre o tema em suas respectivas épocas, é notório o distanciamento de Arendt em relação ao que apontaram. No caso da discussão

sustentada por Marx, talvez seja possível interpor o lugar de Arendt como uma análise mais detalhada das primeiras duas atividades da *vita activa*, o que em Marx talvez se discuta unicamente a partir do trabalho.

III) Por último, foi possível definir a fabricação como a delimitação do espaço necessário para as relações humanas, embora definidas ao nível do *uso*, como uma espécie de condição necessária à culminância da ação – essa como a meta derradeira da *vita activa*. A delimitação da obra como interface entre a esfera da natureza, a fundação do mundo dos homens e a política, demonstra, portanto, a sua pertinência e a validade da argumentação de Arendt para a reflexão atual.

Podemos então dizer que este trabalho se mostrou fundamental para nossa compreensão da realidade que nos cerca, bem como para outra vez afirmarmos a importância do legado de Hannah Arendt para a filosofia como um todo. Isso especialmente em face de uma sociedade que parece ter perdido a capacidade de olhar para as coisas e considerá-las em seu papel articulador, dominada como está pelo consumo. Esse percurso se mostrou, ainda, como maneira de qualificação pessoal, como resposta a uma provocação.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução coordenada e revista por Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Tradução de Oscar Paes Leme. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Coleção Pensamento Humano)

ARENDT, Hannah. **A Condição humana**. 13. ed. Tradução de Roberto R. Rio de Janeiro: Editora Forence, 2017.

CORREIA, Adriano. Quem é o *animal laborans* de Hannah Arendt? **Filosofia**, Curitiba, v. 25, n. 3, 2013. p. 200-221.

FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Tradução de Paulo Ferreira. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

NETO, Rodrigo R. A. Obras, feitos e palavras: o caráter não-natural da condição humana. **Argumentos**, Fortaleza, ano 5, n. 9, 2013. p. 97-119.

CORREIA, Adriano. **Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017.